

Série Vaga-Lume



MISSÃO NO ORIENTE

Luiz Puntel

Ilustrações
Avelino Guedes

Missão no oriente

© Luiz Puntel, 1997

Editor	Fernando Paixão
Editora assistente	Carmen Lucia Campos
Assessora Editorial	Rosemary Pereira de Lima
Preparadora	Lygia M. Benelli Goulart
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisora	Luciene Lima

ARTE

Editor	Marcello Araujo
Editoração eletrônica	Antonio Ubirajara Domienico

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P984m

4.ed.

Puntel, Luiz, 1949-

Missão no Oriente / Luiz Puntel ; ilustrações Avelino Guedes. - 4.ed. - São Paulo : Ática, 1999.
152p. : il. - (Vaga-Lume)

Contém suplemento de leitura
ISBN 978-85-08-06594-3

I. Novela infantojuvenil brasileira. I. Guedes, Avelino.
II. Título. III. Série.

10-5679.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 06594-3 (aluno)

ISBN 978 85 08 06595-0 (professor)

2013

4ª edição

13ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo, SP

Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br

www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Agradecimentos

“Nenhum homem é uma ilha!”, afirmou o poeta John Donne, demonstrando que ninguém vive só. Assim também nenhum autor escreve um livro a duas mãos apenas. Embora seu trabalho seja solitário, muitos colaboram, solidariamente, para que a narrativa se processe. É neste sentido que agradeço às pessoas abaixo, que me ajudaram com sua solidariedade:

Ana Rachel Bittar, Antonio Carlos Olivieri, Carmen Lucia Campos, Cláudia Vanetti, padre Edson Shiguelo Shiramizu, Fátima Chaguri de Oliveira, Geny Yasuko Sakai, Hisaho Shimotsuma, Hisako Shima, Inês Urabe, Maria Cristina Batoni Abdalla, Maria José Roma, Mariza Moreira Campos, Rosemary Pereira de Lima, Sayonara Moraes, Shirley Aparecida de Souza, Toneko Kodaka.

Aos redatores de Tudo Bem e Notícias do Japão, jornais japoneses editados em português, e a todos os dekasseguis que entrevistei.

De maneira especial, muito especial, agradeço ao gaijin Luís Henrique D’Andrea, doutorando em Relações Internacionais pela Universidade Sophia, de Tóquio. Sem nossos longos contatos via internet este livro não seria realidade, mas apenas intenção.

Homenagem póstuma

Aos dekasseguis brasileiros que morreram em Kobe, sepultando seus sonhos e projetos, o meu carinho: Adilson Stafussi, Aparecida Neves de Oliveira, Cleusa Longo, Márcia Helena Yasuko Ueda, Tamirez Stafussi, Thiago Stafussi, Wellington Mitsuyuki da Silva.

**ACOMPANHE MÔNICA
NESTA SURPREENDENTE
MISSÃO.**



Dekasseguis: em busca de um sonho

A história que você lerá neste livro é fruto de uma exaustiva pesquisa sobre os dekasseguis, designação dada pelos japoneses aos trabalhadores que deixam sua terra natal e deslocam-se para outras regiões a fim de trabalharem temporariamente.

A partir do final da década de 1980, com a forte recessão econômica brasileira e a necessidade do Japão em contar com mão de obra estrangeira, milhares de brasileiros, descendentes de japoneses, têm voltado à terra de seus avós para, seguindo a rota contrária dos antepassados, tentar o sonho da sobrevivência econômica. Exilados econômicos dos fracassados planos financeiros, eles se sujeitam a trabalhos considerados cansativos, perigosos e sujos.

É deles que Luiz Puntel trata nesta emocionante aventura. Com Mônica e seus amigos, vocês se surpreenderão ao conhecer os costumes, as tradições e a maneira como os japoneses encaram a vida. Acompanharão também a difícil luta de Mônica para encontrar o avô paterno. E torcerão para que sua missão seja bem-sucedida.

Conhecendo **Luiz Puntel**

Luiz Puntel é velho conhecido dos leitores da série Vaga-Lume. Já brindou o público jovem com títulos como *Meninos sem pátria*, *Açúcar amargo* e *Tráfico de anjos*, entre outros. Funcionário por doze anos do Banco do Brasil, trocou um emprego até então considerado seguro para se colocar a serviço da palavra. Seja em sua Oficina Literária, curso que já propiciou a milhares de jovens vestibulandos o domínio do escrever,

seja pelo *Communicare*, curso de oratória, proporcionando aos adultos o domínio da linguagem oral, Puntel se considera um operário da palavra.

Neste *Missão no Oriente*, Puntel se volta para os problemas sociais de nosso país e põe agora o dedo na ferida dos jovens descendentes de japoneses que, enfrentando preconceitos e dificuldades, abandonam os estudos para tentar a vida no Japão, país de seus pais e avós.



Foto: Arquivo pessoal.

Para Sônia, Ludmila e Taís,
minhas três mulheres,
pela compreensão das ausências.

Sumário

1. <i>Se quiser ser meu amigo...</i>	11
2. <i>Um segredo na mochila</i>	14
3. <i>Que missão é essa?</i>	18
4. <i>Agressão em Shinjuku</i>	21
5. <i>Que medalhinha interessante!</i>	25
6. <i>Gambatê, kudasai!</i>	31
7. <i>Um ano-novo saudoso</i>	38
8. <i>Onde estará Mônica?</i>	43
9. <i>A mais difícil das viagens</i>	47
10. <i>Uma estranha reunião</i>	53
11. <i>Um gosto de chocolate</i>	55
12. <i>O focinho de bronze</i>	61
13. <i>O Asilo Rosa de Hiroshima</i>	65
14. <i>Um gosto de amor</i>	71
15. <i>Mônica em apuros com a empreiteira</i>	76
16. <i>Mônica, agora uma mulher</i>	81
17. <i>Seja bem-vinda!</i>	83
18. <i>Um beijo não trocado</i>	85
19. <i>A Ordem do Grande Japão</i>	91

20. <i>Mônica em uma organização criminosa?</i>	95
21. <i>Toshio, o homem-bomba!</i>	100
22. <i>Partida para Kobe</i>	104
23. <i>Penico na penteadeira</i>	111
24. <i>A enxada salvadora</i>	116
25. <i>As sakuras florescem em abril</i>	123
26. <i>Yoshino, quinta-feira, três da tarde</i>	126
27. <i>A Ordem da Cerejeira</i>	132
28. <i>A cerimônia do chá</i>	134
29. <i>O nabo e a cenoura têm gosto de saudade</i>	136
30. <i>Quem feriu o avô de Sakurako?</i>	140
31. <i>O pedido de perdão</i>	143
32. <i>A viagem de si a si mesma</i>	145
33. <i>Sayonara, Nihon!</i>	149

Só resta ao homem
a difícilima dangerousíssima viagem
de si a si mesmo!
Pôr o pé no chão do seu coração
experimentalizar
colonizar
civilizar
humanizar
o homem
descobrimdo em suas próprias
inexploradas entranhas
a perene, insuspeitada alegria
de con-viver.

(*O Homem; as viagens* — Carlos Drummond de Andrade)

1 ***Se quiser ser meu amigo...***

O avião com destino ao Japão, via Los Angeles, nos Estados Unidos, preparava-se para decolar. Era manhã de começo de dezembro, no Aeroporto Internacional de Guarulhos. O calor lá fora era intenso, mas dentro da aeronave norte-americana a temperatura regulada pelo sistema de ar-condicionado era agradável.

Uma simpática mestiça, filha de brasileira e japonês, cabelos negros, em tranças, ajeitava com dificuldade seus pertences. Teve mesmo de subir na poltrona para alcançar o compartimento das bagagens.

— Sakurako, você não perdeu nada? — perguntou um dos passageiros que lotavam o enorme Jumbo 747. Envergonhadíssima, arrumou de qualquer jeito suas coisas. Como alguém se atrevia a chamá-la por aquele nome horroroso? Virou-se, a face enrubescida. Já ia fuzilar uma resposta malcriada, mas o sorriso que o jovem lhe dirigia a deixou indefesa.

— Como você sabe... sabe... meu nome?

— Li no passaporte. Ele estava caído no chão. Tome! — o jovem entregou-lhe o documento. — Posso te ajudar com as bagagens? Tenho mesmo que guardar minhas coisas aí em cima, no bagageiro! — o jovem prontificou-se a ajudá-la. Terminando a arrumação, já sentado ao lado de Sakurako, ele se apresentou:

— Muito prazer! Meu nome é Néelson, sou de Londrina, no Paraná — o forte sotaque denunciou sua procedência paranaense. — E você, Sakurako, é de onde?



— *Sakurako, você não perdeu nada?* — *perguntou um dos passageiros que lotavam o enorme Jumbo 747.*

— Sou de São Paulo. Se você quiser ser meu amigo, me chame de Mônica — a jovem fez cara de quem não tinha gostado nada de ser chamada pelo nome japonês.

— Tudo bem, amiga! Você é igual à minha irmã. Ela também detesta o nome japonês de batismo.

Como Mônica ficasse em silêncio, Néelson, para manter o diálogo, acrescentou:

— No saguão do aeroporto, vi você se despedindo de seus pais e acho que você faz parte do nosso grupo de *dekasseguis*, correto?

— Eu vou para Konosu, na província de Saitama! — respondeu Mônica.

— Então, estamos no mesmo grupo... — Néelson emendou.

— Só não sei se posso me considerar *dekassegui*, uma emigrante. Eu tenho uma amiga que está lá há um bom tempo. Ela é que me incentivou a fazer *arubaito*. Acho que é assim que os japoneses definem o nosso “fazer um bico”, não?

— É, isso mesmo! Eu sei como é esse sistema... — o jovem confirmou com a cabeça. — Mas o que te motivou a ir?

— Terminei o colegial, prestei vestibular e nada! Esse ano, fiz cursinho, mas pela segunda vez não passei no vestibular. Como já levei pau na primeira fase...

— Você prestou para quê?

— Odontologia. Mas não sei se o que quero é ser dentista... Lá em casa a tradição é entrar direto, até mesmo sem cursinho. Minha irmã já cursa Medicina, entrou direto; meu irmão entrou em Direito na São Francisco, também direto... Só eu que estou marcando passo. Por isso, eu me senti meio perdida, sem perspectivas...

— Seu pai não te cobrou pela derrota?

— Não, até que não. Ele é japonês à antiga em certas coisas, mas compreendeu. Eu é que me cobro muito...

— E agora você arruma um dinheirinho no Japão e sustenta os estudos, acertei?

— Exato! Vamos ver se dá certo...

— Muita gente lá de Londrina também faz esse esquema. Vai agora no fim do ano, arruma um *arubaito* e fica até começarem as aulas.

2 ***Um segredo na mochila***

Quando o avião deslizou na pista, iniciando a decolagem, Mônica e Néelson, ao sentirem o arranque dos potentes motores, emudeceram. Um misto de medo e expectativa tomou conta dos dois. Mônica agarrou-se nos braços da poltrona. O mesmo medo havia sentido ainda há pouco. Sua bagagem de mão, composta de uma sacola de viagem e uma mochila, ao passar pelo detector de metais, acionou o alarme. O funcionário exigiu que ela abrisse a mochila. Com seu jeitinho simpático, ela conseguiu convencê-lo de que o que levava não se tratava de uma arma.

Ainda com medo da decolagem, mentalmente, como numa prece de boa sorte, disse para si mesma: “*Sayonara, Burajiru!*”, dando até breve ao Brasil.

De repente, uma das *dekasseguis* sentadas perto de Mônica levantou-se. Mônica percebeu que ela estava apavorada.

— Aonde você vai? — Mônica interceptou sua caminhada em direção à porta do avião.

— Me larga, me larga! Eu quero descer! — ela quase gritava, desesperada.

Mônica, ajudada por Néelson e dois outros passageiros, obrigou-a a sentar-se e afivelou fortemente seu cinto de segurança.

Passado o nervosismo, a jovem olhou para Mônica.

— Me deu um desespero, um troço esquisito — ela se desculpou.

— Como é seu nome?

— Vera! — respondeu a jovem, já mais calma.

— Quando a aeromoça passar por aqui, vou pedir um calmante para você, tá? Agora respire fundo e procure pensar em outra coisa.

— Obrigada!

Ao se aproximarem de Los Angeles, depois de doze horas de voo, um comunicado do comandante trouxe um certo desconforto. O habitual seria abastecerem e continuarem viagem, mas, por problemas técnicos, os passageiros com destino ao Aeroporto Internacional de Narita, no Japão, deveriam desembarcar, esperando a liberação de outra aeronave.

No aeroporto, o grupo de Mônica e a maioria dos passageiros foram encaminhados para salas nada confortáveis, tendo de esperar horas pelo novo embarque. Mônica precisou ir ao banheiro e voltou de lá muito irritada.

— Imagina, gente, que o segurança me mandou fazer xixi de porta aberta! Parece até que eu queria fugir